

**A INTERAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA LINGUAGEM EM REDE:
UMA ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS MORFOSSINTÁTICAS
DO PORTUGUÊS NO “CHAT”**

Giannina Laucas (UERJ)

INTRODUÇÃO

Em matéria publicada pelo jornal O Globo sob o título *Vc tem medo do ICQ???????*, discute-se a relação entre a criptografia utilizada nas salas de bate-papo (“Chat”) e as abreviaturas ocorridas nos textos dos copistas da Idade Média. Mostra também a preocupação de muitos pais por seus filhos estarem adquirindo o vício de escrever uma linguagem cifrada que, para a maioria, trata-se de um código distinto do da língua portuguesa.

Uma comparação entre as abreviaturas da atualidade e as medievais evidencia o mesmo problema de compreensão de textos por parte do público leitor, já que as abreviaturas, muitas vezes, representam empecilho ortográfico em virtude da mutação morfológica de muitos caracteres convencionais do português, afetando a decodificação das mensagens.

Em verdade, o contexto da linguagem utilizada em rede, particularmente, a veiculada no “chat”, traz à baila não somente a discussão comparativa dos caracteres entre Idade Média e Pós-Modernidade, mas também suscita inúmeras outras discussões lingüísticas. Dentre elas, está o exame das ocorrências morfofossintáticas desses textos conversacionais característicos do gênero “chat”.

Assim, o que motiva o interesse por pesquisar este tema é a quantidade de críticas publicadas pela mídia, que nem sempre revelam a realidade intrínseca dos fenômenos lingüísticos observados no “chat”.

Nosso propósito aqui é analisar um texto conversacional oriundo de salas de bate-papo, tendo por base os aspectos microlingüísticos (em oposição aos macrolingüísticos, já que chamamos de microlingüísticos os objetos concernentes à estrutura menor da língua, que se constituem desde os morfemas até os períodos).

Então, especificando nosso objetivo, procederemos a uma breve análise morfofossintática dos eventos lingüísticos do português, considerando a interação verbal das salas de bate-papo.

Posto isso, pretendemos investigar se as críticas da mídia procedem ou não, bem como avaliar a contribuição que esse tipo de estudo pode oferecer ao ensino de Língua Portuguesa.

A base teórica deste estudo contemplará a proposta estruturalista encontrada em autores, tais como: Cláudio Cezar Henriques (2006); José Carlos de Azeredo (2000; 2001); José Lemos Monteiro (2002); Lygia Correa Dias de Moraes (2001).

Adotaremos a metodologia proposta pelo estruturalismo, tendo em vista os pressupostos teóricos estabelecidos por Ferdinand de Saussure, que facultam análises tanto nos campos da Fonologia como nos da Morfologia e Sintaxe.

TRATAMENTO DO CORPUS

Nem tudo o que se refere à unidade “palavra” é competência da morfologia. Lembremo-nos de que a maioria das palavras de nossa língua tem um significado lexical (objeto de estudo da lexicologia e da lexicografia), de que as palavras se combinam entre si para construir uma unidade de classe superior, o sintagma (de que se ocupa a sintaxe). (HENRIQUES, 2006: 8).

Partindo do princípio do *continuum* entre fala e escrita, estabelecido por Marcuschi (2000: 108), assumimos, com esse autor, a sugestão de Smith (1994) e de Halliday (1996) “sobre o contínuo das relações entre oralidade e escrita e o surgimento de uma série de novos gêneros textuais no contexto da tecnologia eletrônica”, já que nosso objeto de análise contempla textos veiculados na mídia eletrônica, configurando um modo singular de comunicação, através do qual se manifesta uma língua *meio portuguesa e meio semiótica*.

Em virtude do exposto, torna-se necessário explicitar melhor como o esse *corpus* será abordado, no que se refere aos aspectos microlingüísticos. E para tratar destes, é preciso elucidar a noção de macrolingüístico neste estudo.

Assim sendo, os aspectos macrolingüísticos referem-se (i) à variação oral e escrita direcionada para a linguagem do “chat”; (ii) à descrição das características tipológicas dos textos conversacionais¹ ora apresentados no *corpus* deste trabalho; (iii) à especificação do gênero discursivo² que, neste contexto, mescla recursos tecnológicos de alta complexidade icônica com o domínio simbólico-lingüístico. Esses itens podem proporcionar uma visão mais ampla dos textos em estudo, por isso a denominação *aspectos macrolingüísticos*.

¹ Designamos por textos conversacionais estes ora apresentados como uma variabilidade lingüística na forma escrita, por tratar-se de uma novidade na estrutura da língua portuguesa. Além disso, a tradução de “chat” é bate-papo, que, por conseguinte, significa conversa. Observe-se também que, até antes do surgimento do “chat”, jamais havíamos presenciado tamanha irreverência à forma escrita em português.

² Explicitamos a noção de gênero do discurso de acordo com Bakhtin (2000: 279), que assevera tal noção como: “qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*”.

Ressaltamos, porém, que, neste trabalho, não focalizaremos tais aspectos, já que nosso propósito aqui é o de proceder a uma breve análise da estrutura morfossintática do português. Nesse sentido, explicitaremos, a seguir, os aspectos microlingüísticos.

Entendemos por aspectos microlingüísticos aqueles voltados para as estruturas menores da língua (em proporção aos macrolingüísticos), tais como as relações sintáticas do “chat” vinculadas às estruturas morfológica e mórfica dos vocábulos empregados neste contexto. Além disso, mesmo neste caso, se observa uma gradação das unidades maiores para as menores. Por exemplo, quando se transita da sintaxe dos turnos (já que, neste contexto, tratamos de um uso conversacional do português), períodos, orações e termos das orações (em abordagem morfossintática) para a análise mórfica (que contempla os elementos mínimos significativos dos vocábulos) se verifica claramente a gradação das unidades maiores para as menores. Destacamos que é desses elementos mínimos, concernentes ao plano sintático, que trataremos aqui; daí a especificação *aspectos microlingüísticos*.

Para complementar a proposta de analisarmos alguns processos de formação das palavras aliados à estrutura sintática dos turnos do *corpus* deste estudo, convém elucidar, de acordo com Azeredo (2001), os preceitos teóricos estruturalistas que fundamentam nosso ponto de vista.

Na esteira teórica de Martinet, Azeredo (2001: 10) esclarece que:

Distinguir unidades significativas e unidades não-significativas implica reconhecer dois planos de estruturação lingüística, que coexistem naturalmente em todo enunciado. O lingüista francês André Martinet chamou *dupla articulação* a esta propriedade da linguagem humana (MARTINET, 1964). Esses dois planos, o do *conteúdo* e o da *expressão*, são solidários e interdependentes no que diz respeito à sua finalidade no discurso, embora cada qual tenha uma organização interna própria [...]. Martinet chamou de *primeira articulação* ao plano do conteúdo (léxico-gramatical), que inclui proposições, palavras, raízes, afixos, e de *segunda articulação* ao plano da expressão, cujas unidades – acentos, sílabas, fonemas – são desprovidas de sentido³.

A seguir, Azeredo (2001: 11) acrescenta:

A oposição tradicional entre gramática e léxico fundamenta-se na existência de duas espécies de unidades na primeira articulação – ou plano do conteúdo – que passamos a examinar [...]. Todos esses fatos mostram que uma língua como o português reúne duas espécies de unidades mínimas no plano do conteúdo: unidades renováveis, inventáveis a qualquer momento, cuja substituição não interfere no arranjo interno da frase; e unidades que garantem a existência daquele arranjo. As primeiras unidades, ditas *semantemas* ou *morfemas lexicais*, pertencem a um conjunto aberto (léxico) e constituem a base dos substantivos, verbos e adjetivos; as últimas, ditas *morfemas gramaticais*, pertencem a um sistema fechado (gramática) e exprimem certas relações entre as unidades lexicais no interior da frase [...], acionam a criação de unidades lexicais a partir de outras (como o *-eiro* de *prisioneiro* em face de *prisão*), expressam distinções obrigatórias que caracterizam os membros de certas classes (como o *m* de *encarceravam*, opõe graficamente esta forma ao singular *encarcerava*) etc⁴.

³ Sobre os planos da expressão e do conteúdo, ver mais em Azeredo (2000: 23-25).

⁴ Sobre gramática e léxico, ver mais em Azeredo (2000: 33-34).

Para complementar, de acordo com Henriques (2006: 8-16), observaremos a descrição gramatical do *corpus* contemplando o aspecto sincrônico da língua e obedecendo às noções de sintagma, palavra e morfema⁵, consoante o ponto de vista saussureano.

De posse dessas informações, fica estabelecido o posicionamento teórico aqui adotado quanto às diretrizes estruturalistas, compreendendo a razão pela qual incluímos como elementos microlingüísticos aqueles que envolvem o plano da expressão, em alguns momentos, e o do conteúdo, em outros, no decurso da análise do *corpus*.

Transcrição do corpus

Este *corpus* constitui-se de um texto conversacional da rede (“web”), produzido por adolescentes da classe média de uma escola particular do Rio de Janeiro. Essa escolha enfoca o objeto de pesquisa sob o direcionamento metodológico estruturalista, entre o *plano do conteúdo* e o *da expressão*, conforme já exposto anteriormente, e procura aplicá-lo ao tema lingüístico específico aqui adotado: breve análise morfossintática.

A seguir, transcrevemos o texto selecionado, a partir do qual procederemos à análise, obedecendo à seguinte ordem: (i) análise da estrutura sintática do “chat” e (ii) análise mórfica de expressões lexicais ou não-lexicais no “chat”. Assim, pensamos poder abordar a relação morfossintática desse texto.

TEXTO

(Rachel Beatriz e Tetê – 1^a série do Ensino Médio, 15 anos)

- (1) □@ã;ñl-lãÑëfê@t;te□ pq naum keria dar esperanças ‘pra ele
- (2) «x□Tëtë.çl-l@i\$□x» aaa tah é c tem razaum
- (3) □@ã;ñl-lãÑëfê@t;te□ ih vc tem novi?

⁵ *Sincronia* diz respeito aos fatos sistemáticos da língua observados num determinado estágio de tempo. Em oposição à diacronia, Henriques (2006: 9) faz a seguinte consideração: “Sendo a língua um sistema que está em funcionamento num determinado estágio do tempo, é através do confronto de pelo menos dois desses estágios que se poderão verificar dados históricos e evolutivos do idioma em questão. Cada um desses estágios corresponde a uma sincronia, ao passo que, com as várias sincronias, obtêm-se as diacronias”. *Sintagma* (*versus* paradigma) “é um termo estabelecido por Saussure que designa a combinação de elementos menores numa unidade lingüística maior” (ibidem, p. 10), assim os sintagmas poderão ser de subordinação e de coordenação, podendo “estar no domínio da Sintaxe [...] como no da Morfologia” (ibidem, p. 11). Tanto *palavra* como *vocábulo* são dois termos consagrados como sinônimos, porém, “a identificação do vocábulo deve pautar-se por dois critérios [...]”: (i) verifica a possibilidade de pausa; (ii) verifica a rigidez ou mobilidade posicional. Finalmente, chama-se *morfema* “todo e qualquer constituinte de um vocábulo, englobando os *lexemas* (morfemas dotados de significação externa, chamados *morfemas lexicais*) e os *gramemas* (morfemas dotados de significação interna, chamados *morfemas gramaticais*)” (ibidem, p.14).

- (4) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» bom ontem sentei na frente do bruno ai ai..hj fui a praia e a piscina minha mãe tah resolvendu a parada doc achorrooo uhuuuuuuuuu e daqui a poco a gente vai pro shopping...só
- (5) □@ä;ñl-läÑëfë@t;te□ ki xops?
- (6) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» recreio shopping, amanha a gente vai pro barrashopping
- (7) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» hj fui no barra
- (8) □@ä;ñl-läÑëfë@t;te□ tava legal lah?
- (9) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» Aham
- (10) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» Hmmm
- (11) □@ä;ñl-läÑëfë@t;te□ desculpe ta demorando é pq to mandando um email pro
- (12) Leonardo ligeirinho... akele namorado da minha irmã da net
- (13) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» fala pra ela tomar cuidado hein
- (14) □@ä;ñl-läÑëfë@t;te□ ki horror menina!!!!
- (15) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» Hauahuahauhauhauhauh
- (16) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» klma tah to brinkndu aaa vc pego o icq do bruno?
- (17) □@ä;ñl-läÑëfë@t;te□ naum.. issu q eu ia t perguntar..
- (18) «x□Tëtë.çl-l@i§□x» ok.. bjaummm
- (19) □@ä;ñl-läÑëfë@t;te□ bjoksss xauuuu

Análise mórfica de expressões lexicais e não-lexicais no “chat”

Iniciamos esta seção lembrando os pressupostos teóricos a seguir: as observações básicas sobre os morfemas, expostas por Basilio (2003: 05-19) e Azeredo (2000: 70); a proposta de análise mórfica de Monteiro (2000: 37); os comentários sobre os fenômenos

mórficos demonstrados por Silva e Koch (2002: 20-22); e os prosodemas⁶ ou traços supra-segmentais descritos por Martins (2000: 57), dentre os quais destacamos a duração.

Basilio (2003: 17-8) trata da abordagem estruturalista, reforçando que, em sua obra, esse termo faz “referência sobretudo ao período estruturalista da lingüística descritiva americana, onde encontramos um desenvolvimento maior de processos de análise morfológica.” Nessa abordagem, a “noção de morfema é básica; o morfema é definido como a unidade significativa mínima numa língua”. O problema que a autora adverte ocorrer sobre esse conceito é o fato de o morfema ser definido em relação ao significado, conforme se constata na seguinte assertiva:

Como o morfema é definido em relação ao significado, cria-se um problema grave de análise, já que no léxico as palavras apresentam um significado global, que não é necessariamente uma função exclusiva do significado das partes. Como conseqüência, muitas vezes não podemos isolar o significado das partes do significado global, ou seja, muitas vezes temos elementos constituintes de palavras que não podem ser definidos em termos de significado. (Ibidem, p. 18).

Sobre essa advertência, frisamos que, no *corpus* deste trabalho, verificaremos fenômenos lingüísticos em certos signos que comungam com esse ponto de vista, pois, em alguns casos, nem mesmo poderemos nos referir ao termo “palavra” para designar os grafemas, dada a inexistência de elementos mórficos da língua portuguesa.

Quanto a esse aspecto, Henriques (2006: 12), ao elucidar o uso dos termos “palavra” e “vocábulo”, assevera: “A tudo isso some-se ainda a interminável lista de expressões não-lexicais [...]. Empregadas na conversação, suas transcrições e significações podem oferecer considerável campo para os estudiosos da linguagem: *hum, uuh, mmm, ro-rô-rô, achh, irgh...*”

Reiteramos que Azeredo (2000: 70) explica as duas espécies de unidades mínimas no plano do conteúdo: os morfemas lexicais (pertencentes ao sistema aberto da língua – o léxico –, constituem a base dos substantivos, verbos e adjetivos, conhecidos também como radicais) e os morfemas gramaticais (pertencentes ao sistema fechado da língua – a gramática –, são aqueles que se anexam ao morfema lexical, podendo ser de três tipos: afixos ou morfemas derivacionais, vogais temáticas e desinências ou morfemas flexionais).

⁶ Martins (2000: 57), esclarece que os prosodemas ou traços *suprasegmentais (sic)*, de grande interesse estilístico, são os valores expressivos que afetam um segmento mais extenso que o fonema – sílaba, morfema, palavra, sintagma ou frase. São eles o acento, a duração, a altura e a entoação. Nenhum prosodema tem existência independente, pois afeta necessariamente um segmento da cadeia da fala e só pode ser definido em relação às unidades vizinhas daquela que afeta (cf. *Dicionário de lingüística*, de Dubois). O acento de intensidade e a entoação têm função no sistema fonológico do português. Serve o acento, pela sua posição no vocábulo a uma função distintiva (v.g. *fábrica* substantivo / *fabrica* verbo). O emprego de palavras iguais com diferente acentuação numa mesma frase constitui um jogo de bom efeito expressivo, como nesta frase do jornalista Geraldo Forbes a respeito do advogado Sobral Pinto: “Não recua ante a récuca”. (*O Estado de São Paulo*, 15-4-84). A entoação caracteriza o tipo de frase lógica, como – O aluno fez o trabalho. / O aluno fez o trabalho?. Além dessa função intelectual, ambos, acento e entoação se prestam a funções expressivas importantes.

O princípio de análise exarado por Monteiro (2000: 37) fica assim estabelecido:

O trabalho de desmontagem que realizamos aqui denomina-se *análise mórfica*. (...) A análise mórfica consiste, por conseguinte, na depreensão das formas mínimas dos vocábulos, isolando-se todos os elementos providos de significado. Não é arbitrária nem se confunde com a análise dos fonemas ou das sílabas.

A esse posicionamento de Monteiro acrescentamos os princípios básicos e auxiliares da análise mórfica indicados por Silva e Koch (2002: 20-22), quais sejam: a comutação, a alomorfia, a mudança morfofonêmica (que se subdivide em redução, aparecimento de uma semivogal e troca de consoantes) e a neutralização⁷.

Adimos a impossibilidade de analisar os signos do “chat”, aqui destacados, de acordo com a descrição anterior em virtude do inusitado presente nessa linguagem. Por isso, listamos dos processos de formação de palavras exarados por Monteiro (2002, p.191-224) os seguintes casos: o hipocorístico; a acrossemia, a braquissemia, a acrografia, a fonossemia, a redução e ampliação vocabular.

Quando Henriques (2006, p. 90) faz referência aos três processos especiais de formação das palavras – *abreviação, reduplicação e regressão* – exclui o hipocorístico do processo de formação, por tratar-se de expressão afetiva, portanto, pertinente ao campo da semântica: “Nem toda onomatopéia e nem todo hipocorístico, assim como nem sempre a coincidência parcial ou total de sílabas, são casos de reduplicação. Podem ser simples ocorrências de palavras primitivas [...], de abreviação [...], de aglutinação [...], de justaposição [...] podem também servir para derivações [...] ou composições[...].”

⁷ A *comutação* (“operação contrastiva por meio de permuta de elementos para o qual são necessários: (a) a segmentação do vocábulo em subconjuntos e (b) a pertinência paradigmática entre os subconjuntos que vão ser permutados”). Depreendem-se desse conceito o morfema lexical, a vogal temática, a marca de modo e tempo, e a marca de número e pessoa; a *alomorfia* (“possibilidade de variação de cada forma mínima”, como, por exemplo, */ria/*, que marca o futuro do pretérito, tem uma variante */rie/* e também os morfemas lexicais apresentam variantes: *lordem/*, *lorden-/*, *lordin-/* têm a mesma significação em *ordem*, *ordenar* e *ordinário*, respectivamente”); a *mudança morfofonêmica* (“a *alomorfia* pode ser ou não fonologicamente *condicionada*. A *não-condicionada* implica variações livres que independem de causas fonéticas, como as alternâncias vocálicas em *faz*, *fez*, *fiz*. A *fonologicamente condicionada* consiste na aglutinação de fonemas, nas partes iniciais e finais de constituintes em seqüência, acarretando mudanças fonéticas. Trata-se, pois, de *mudança morfofonêmica*, porque, operando entre fonemas, afeta o plano mórfico da língua. São exemplos de mudanças morfofonêmicas a *redução* de */in-/* a */i-/* diante de consoante nasal da sílaba seguinte: *incapaz* / *imutável*; o *aparecimento de uma semivogal* na forma *passeio* ao lado de *passoar*; a *troca de consoantes* em *dúvida* indubitável. Conforme se pode verificar pelos exemplos dados, a mudança morfofonêmica é fonte constante de *alomorfia*”); e a *neutralização* (“que consiste na perda da oposição entre unidades significativas diferentes. Como a *alomorfia*, ela pode se dar apenas no *plano mórfico* ou ser *resultante de condicionamento fonológico*. Como exemplo do primeiro caso, tem-se a neutralização entre a primeira e a terceira pessoas gramaticais em vários tempos verbais: *cantava* – *cantava*; *cantaria* – *cantaria* etc. Como exemplo do segundo caso, tem-se, em alguns tempos verbais, uma neutralização entre a segunda e a terceira conjugação em decorrência da perda de tonicidade da vogal temática, isto é, a *oposição* entre essas conjugações, caracterizada pelas vogais *-e* e *-i*, respectivamente, desaparece quando a vogal temática é átona final: *temes*, *teme*, *temem*; *partes*, *parte*, *partem*”).

Finalmente, Martins (2000: 58), ao tratar dos recursos fonostilísticos, assinala os prosodemas, dentre os quais destacamos a duração⁸, por se constituir um traço frequente no “chat”.

Diante do exposto, acreditamos ter implementado as bases constituintes para análise dos signos, que ora poderão ser lingüísticos ora apenas grafemáticos de valor fonostilístico. Para organizar esta exposição, utilizamos o critério de ocorrências semelhantes dentro no texto em exame, agrupando os signos acompanhados de suas respectivas análises.

Neste sentido, em primeiro lugar, denominamos o fenômeno de linguagem, para posterior identificação dos traços morfológicos (dentro do processo de formação de palavras) ou mórficos (explicitados na p. 4) ou fonostilísticos (MARTINS, 2000: 26-70) ocorridos nos signos, pois, seguindo a concepção de “linguagem e signo” apresentada por Valente (1997: 14-27), acreditamos ampliar nosso foco de observação, pelo ponto de vista da Semiótica.

Os hipocorísticos

No capítulo da formação dos antropônimos (nomes próprios personativos), o professor Monteiro (2000: 209) traça uma especial descrição dos hipocorísticos: “processo apelativo usado na linguagem familiar para traduzir carinho ou qualquer palavra criada por afetividade; em sentido restrito, designam uma alteração morfofonêmica do prenome ou sobrenome”.

Sem confrontar a posição teórica de Henriques (2006: 90) e de Monteiro, admitimos a presença do hipocorístico nos nomes transcritos abaixo, por dois motivos: (i) embora o primeiro exemplo ratifique o uso de palavras primitivas, procuramos valorizar o caráter afetivo, que é um traço do hipocorístico; (ii) o segundo exemplo retrata o redobro na primeira palavra mais a abreviação na segunda. Mas como é um nome composto, consideramos como um caso de processo de formação de palavras.

Pelos exemplos do texto em análise, não é difícil atestar esse fenômeno morfológico dos nomes seguintes, observando-se sua tradução:

- «ã;ñl-lãÑêfê®t;te» (Rainha Nefertite, em referência a Rachel Beatriz) e
- «x»Tëtê.çl-l®i§» (Tetê Chris, em referência a Teresa Cristina)

⁸ A duração, que não tem função fonológica no português, mas tão-somente expressiva, na língua escrita pode ser marcada pela repetição dos grafemas: *rrrolar*, num exemplo de G. Rosa (*Sag.*, p. 201); *gooooooooool*, em textos vários sobre futebol (MARTINS, 2000: 58).

Com uma aparência mais sofisticada pelo excesso dos adereços icônicos (□, «x□, □x»), signos não-verbais, que “emolduram” esses nomes, ambos os antropônimos são compostos por justaposição na “forma primitiva” (Rachel Beatriz e Teresa Christina). Conforme Monteiro (2002: 207), o primeiro parece ter aproveitado apenas a sílaba *Ra-* na criação do nome icônico, aproximando-se de um caso imperfeito de acrossemia (“formação de prenomes mediante a combinação de sílabas, quase sempre extraídas dos nomes dos pais”); o segundo originou um misto redobro mais composição por aglutinação mais redução, a partir da braquissemia (emprego de parte de um vocábulo inteiro: *Tetê*, forma reduzida com redobro da sílaba *te-* de *Teresa* + *Chris*, forma reduzida de Christina). Então, eliminando os adereços, temos a seguinte correspondência dos ícones às letras da língua portuguesa: de $\text{R} \text{ä} \text{ñ} \text{ñ} \text{ä} \text{ñ} \text{f} \text{e} \text{t} \text{e}$: $\text{R} = [\text{R}]$, $\text{ä} = [\text{a}]$, $\text{ñ} = [\text{i}]$, $\text{ñ} \text{ñ} = [\text{nh}]$, $\text{ä} = [\text{a}]$, $\text{Ñ} = [\text{N}]$, $\text{ë} = [\text{e}]$, $\text{f} = [\text{f}]$, $\text{è} = [\text{e}]$, $\text{t} = [\text{t}]$, $\text{t} = [\text{t}]$, $\text{e} = [\text{e}]$ e também $\text{T} \text{ë} \text{.} \text{ç} \text{ñ} \text{ñ} \text{ä} \text{ñ} \text{f} \text{e} \text{t} \text{e}$: $\text{T} = [\text{t}]$, $\text{ë} = [\text{e}]$, $\text{t} = [\text{t}]$, $\text{ë} = [\text{e}]$, $\text{ç} \text{ñ} \text{ñ} = [\text{ch}]$, $\text{R} = [\text{r}]$, $\text{ñ} = [\text{i}]$, $\text{ñ} = [\text{i}]$, $\text{ç} = [\text{s}]$. Além disso, tais nomes correspondem, respectivamente, à seguinte leitura fonológica: /Rai'ñanefeR'çiçi/ e /te'te 'kris/.

A partir dessa decomposição dos elementos não-significativos, torna-se possível decifrar esses nomes icônicos. Com isso, observa-se também que as criações icônicas guardam em seu interior uma relativa simbologia analógica com os vocábulos portugueses, tanto no plano da expressão quanto no do conteúdo.

Entre a acrossemia e a acrografia

Diz-nos o professor Monteiro (ibidem, p.193-5) que “as siglas em geral são vocábulos acrossêmicos. Entretanto, quando a seqüência de fonemas não se organiza em padrões silábicos próprios da articulação das palavras portuguesas, não se tem um vocábulo autônomo”. Já a acrografia (grafia em abreviatura) “não constitui processo de formação de vocábulos, se tiver o caráter de ideograma”, pois, “numa acrografia, a letra não vale pelo fonema que costuma representar, mas como símbolo da palavra que evoca”. Assim, os exemplos do texto em estudo parecem apresentar um misto de acrossemia e acrografia. Vejamos as formas subseqüentes:

- (a) pq (porque)
- (b) vc (você)
- (c) hj (hoje)

(d) q / t (que / te)

A fonossemia

Termo forjado pelo modelo de braquissemia e acrosssemia, designa o processo de formar onomatopéias (reprodução de um som físico qualquer através de fonemas). Com base em tal definição, observemos as formas abaixo:

(a) uuuuuuuuuuuu (forma onomatopaica de alegria [urru])

(b) aham (forma onomatopaica de afirmação)

(c) hmmm (forma onomatopaica de impaciência)

(d) hauhauhauhau (forma onomatopaica de risos)

Outro dado importante é reconhecer o uso da fonossemia como uma ocorrência freqüente dos textos conversacionais. Em muitos casos, essas onomatopéias representam as mesmas formas das revistas em quadrinhos.

Observe-se também que, como um fenômeno fonético de base expressiva, os exemplos (a), (c) e (d) apresentam o traço supra-segmental da duração (cf. nota de rodapé da p. 11).

A redução vocabular

Segundo Henriques (ibidem, p. 89), a abreviação ou braquissemia “envolve a redução de um vocábulo geralmente longo, por comodidade expressiva”. Trata-se, então, da transformação de uma palavra em outra mais curta por abreviação, apócope, aférese, contração, evolução fonética, braquissemia, etc. Detectamos fenômenos de redução nas seguintes formas:

(a) tah (forma verbal está; ocorrência: aférese, queda da sílaba inicial)

(b) novi (forma nominal novidade; ocorrência: apócope, supressão no final do vocábulo)

(c) poço (forma nominal pouco; ocorrência: síncope, queda da semivogal medial /w/)

(d) xops (forma nominal estrangeira por empréstimo: shopping; ocorrência: apócope)

(e) ta (forma verbal está; ocorrência: aférese)

- (f) to (forma verbal estou; ocorrência: aférese e apócope)
- (g) pego (forma verbal pegou; ocorrência: apócope)
- (h) ki (forma pronominal que; ocorrência: imitação fonética de [k])

A ampliação vocabular

- (a) Naum (forma adverbial não: ocorrência – aumento do número de letras, fazendo a nasalização com o fonema /m/)
- (b) razaum (forma nominal razão: ocorrência – aumento do número de letras, fazendo a nasalização com o fonema /m/)

Nos exemplos (a) e (b), as ampliações acontecem em virtude do transporte da informação de um computador para outro. Ou seja, muitas vezes os aparelhos conectados pela Internet não têm a mesma configuração. Por isso, evita-se o uso dos sinais diacríticos, pois, no transporte das informações, eles deformam o vocábulo a tal ponto que a informação fica cifrada. Trata-se de um problema de configuração e reconfiguração entre aparelhos: a informação se altera no percurso entre o emissor e o receptor. Isso explica o fenômeno mórfico de tais ampliações.

Pela análise dos exemplos extraídos do texto em estudo, atestamos as inovações na estrutura mórfica do português, criadas pelos usuários do “chat”. Isso foi possível graças aos pressupostos teóricos da morfologia e da fonoestilística aqui explicitados.

Análise da estrutura sintática do “chat”

Dentre as inúmeras pesquisas do Projeto de Estudos da Norma Lingüística Urbana Culta de São Paulo (PROJETO NURC/SP – NÚCLEO USP), destacamos o artigo de Moraes (2001: 169-188), que examina a sintaxe da língua falada. Procurando seguir a mesma orientação da autora, selecionamos as seguintes unidades para análise gramatical: (A) sintaxe intraturno: exame (i) da estrutura sintática das frases, (ii) da organização interna do período e (iii) da organização interna da oração; (B) sintaxe interturnos.

(A) Sintaxe intraturno

(i) Estrutura sintática das frases

Admitindo a distinção tradicional entre frase e oração, compreendemos a frase como uma forma expressiva, de extensão ideológico-material, superior à oração. Por isso, a acepção frase (“unidade do discurso que varia desde a formulação lingüística complexa até à simples interjeição”) poderá englobar também o que se convencionou chamar de oração, isto é, uma “frase construída em torno de uma forma verbal” (CÂMARA apud MORAES, 2001: 174). Por isso, há dois motivos pela opção do uso da expressão frase neste trabalho: primeiro, porque a frase se relaciona ao aspecto da interatividade verbal, o que caracteriza o texto conversacional em foco; segundo, porque, no diálogo estabelecido em situação de reciprocidade social, cada enunciado pode ir-se construindo conforme as emissões de voz (no “chat”, isso é muitas vezes expresso via recursos icônicos).

Posto isso, procedemos à investigação do texto selecionado.

Os turnos são indicados pelos nomes icônicos dos interactantes □@ã;ñl-lãÑëfê@t;te□ e «x□Tëtë.çl-l@i§□x», o que caracteriza um traço distintivo entre diálogos outros e os do “chat”.

Do ponto de vista sintático, na frase (1), há uma explicação referente a uma pergunta implícita. Essa explicação pode ser classificada como uma oração subordinada adverbial causal, visto que se subentende a pergunta cuja resposta é a frase (1).

O traço do *continuum* entre fala e escrita exposto por Marcuschi é percebido pelo efeito sintático da relação com uma suposta frase enunciada antes da primeira fala.

No trecho abaixo, é clara a interdependência das orações (1) e (2), seguida de uma seqüência narrativa, em (3) e (4).

No segmento imediato ((5), (6), (7) e (8)) parece haver um ruído interturnos como um reflexo da sintaxe intraturnos, impedindo a compreensão da mensagem, por falta de clareza na distribuição interlocutiva. O que verificamos? Em (5) há uma oração interrogativa, independente, sintaticamente relacionada à (4), que, em continuidade dialógica, corresponde à coerência conversacional. Entre (6) e (7) há entropia já que o locutor é o mesmo. Perde-se o sentido dessas construções frasais, embora sintaticamente elas estejam adequadas à gramática. Assim, em (6), há uma frase nominal, no primeiro enunciado (antes da vírgula), em resposta a (5); no segundo enunciado (após a vírgula), verifica-se uma oração independente. Já em (7) há uma redundância na informação por tratar-se do mesmo interlocutor transmitindo uma mensagem parecida com a de (6). Embora dentro dos padrões da língua portuguesa, (6), (7) e (8) apresentam um truncamento de informação.

Em (9) e (10) há um paralelismo entre expressões tipicamente conversacionais: (9) exprime afirmação e (10), impaciência. Isso é detectado pelas informações das falas subsequentes em (11), (12) e (13), quando «ãñl-lãÑêfê@t;te» explica as razões da interrupção do diálogo, demonstrando a facilidade no uso dos aplicativos e domínio desses recursos tecnológicos complexos.

A frase (13) está sintaticamente relacionada ao aposto explicativo (enunciado descritivo do namorado da irmã), fazendo alusão ao risco do namoro virtual.

Entre (14) e (19) constata-se uma série de expressões não-lexicais, porém frequentes no “chat”, que podem ser interpretadas como frases que demarcam supostas orações independentes, de modo implícito, mas dependentes nas relações entre os turnos.

Em (14) verifica-se uma frase nominal exclamativa; em (15) «ãñl-lãÑêfê@t;te» expressa risos manifestados por uma longa interjeição, e em (16) há um período composto por orações independentes. Em (17) verifica-se outra oração independente, que, no entanto, faz um gancho com (16) por meio do pronome demonstrativo *isso*. Neste caso, diríamos haver uma subordinação, considerando em (16) uma oração principal e em (17), uma oração subordinada substantiva objetiva direta.

Finalmente, em (18) e (19) há novo paralelismo sintático entre frases nominais refletindo expressões de despedida.

Se traduzirmos esse texto conversacional para um texto formal, verificaremos algumas perdas cognitivas próprias da oralidade, alterando a carga de informação global, porém, mesmo sem fazê-lo, é possível entender o diálogo entre «ãñl-lãÑêfê@t;te» e «xTët.çl-l@içx», porque a estrutura das frases componentes dos turnos está dentro dos padrões naturais da língua portuguesa.

Então, verificamos, nesta breve análise, a presença de frases curtas, características do texto conversacional e a predominância da coordenação.

(ii) Organização interna do período

De acordo com as inferências de Moraes (2001: 181-182) sobre a língua falada, podemos elaborar duas assertivas. A primeira diz respeito à já confirmada predominância de frases curtas nos textos conversacionais e a segunda trata da preferência da coordenação em detrimento da subordinação nos períodos simples ou compostos, visto que a estrutura da coordenação é menos complexa.

Assim, detectamos a escassez de orações dependentes: ocorrência apenas em (1) e na relação intraturnos em (16) e (17); a abundância de orações independentes entre (2) e (8), constituindo ora período simples ora composto; a intercalação de expressões nominais (onomatopéias) em (9), (10), (15), (18) e (19); a observância do período misto em (11) e (12), (16) e (17); e a escassez das frases nominais, que aparecem apenas em (14), (18) e (19).

Ressalte-se que não é nosso interesse quantificar ocorrências sintáticas neste trabalho, pois nossa intenção maior se volta para a análise gramatical, com o objetivo de investigar se as críticas da mídia sobre o uso da língua portuguesa no “chat” procedem ou não.

(iii) Organização interna da oração

Da organização interna das orações, observamos fatos, tais como: a concordância entre o verbo e o sujeito em todos os casos em que ocorre essa estrutura; embora a quase ausência de pontuação, a ausência de vírgulas e de ponto final, por exemplo, não prejudica a compreensão do que é dito graças à pouca extensão das frases; a intercalação de frases onomatopáicas e nominais produzem o efeito natural da conversação, sem prejuízo da comunicação, obediente à gramática da língua.

(B) Sintaxe interturnos

Dentre os pontos relevantes deste item, destaca-se o caráter do diálogo-confronto instaurado como uma luta entre os interactantes para manter sua participação na conversa, através de marcadores explícitos (em alguns casos) por conjunções coordenativas ou subordinativas ou por interjeições. Tal como acontece nas orações tradicionais da língua portuguesa, esse fenômeno também é perceptível no interior dos turnos em (2), (3), (9), (10) e (11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recordando a motivação que nos levou a este estudo (interesse por pesquisar o tema em questão, em virtude da quantidade de críticas publicadas pela mídia sobre o mau uso do português em Rede), pudemos verificar que a perplexidade dos puristas da língua não tem fundamento, pois constatamos uma realidade dos fenômenos morfossintáticos no “chat” distinta daquela propagada nos jornais e revistas.

Se confrontarmos as duas épocas evocadas na introdução deste trabalho, podemos inferir que, em vários momentos históricos, a impossibilidade de compreensão de textos, por

causa das abreviações e sinais icônicos, ocorre com mais frequência do que considera o senso comum.

Desse modo, quando se pergunta o que está acontecendo com a língua portuguesa; por que nossos jovens escrevem assim; ou se a língua virou um caos, respondemos: no contexto de rede, existe uma natural necessidade de escrever com intenção fônica, pois o objetivo dos internautas é de copiar a fala, e, para fazê-lo, recorrem ao sistema aberto da língua (léxico). Das análises realizadas, depreende-se que não há motivo para o radicalismo crítico da forma escrita no “chat”, visto tratar-se, acreditamos, de uma variabilidade escrita inédita na língua portuguesa; portanto, uma novidade.

Nos planos morfológico e mórfico, observamos como uma atitude comunicativa trivial, elaborada com períodos e frases geralmente curtos, com predominância da coordenação, tenha revelado a criação sofisticada de vocábulos repletos de fenômenos fonético-expressivos (tendo por base os prosodemas) e morfológicos, tais como o hipocorístico, a acrossemia, a acrografia, a fonossemia, a redução vocabular e a ampliação vocabular.

Após investigar o plano sintático do texto, foi possível detectarmos a escassez de orações dependentes; a abundância de orações independentes, ora participando de período simples ora composto; a intercalação de expressões nominais (onomatopéias); a observância do período misto; e a escassez das frases nominais. Também o uso dos marcadores explícitos (em alguns casos) por conjunções coordenativas ou subordinativas ou por interjeições, tal como acontece nas orações tradicionais da língua portuguesa, foi registrado no interior de alguns turnos.

Então, considerando a análise morfossintática a partir dos aspectos microlingüísticos observados neste trabalho, ficamos à vontade para dizer que a estrutura sintática dos turnos, períodos e orações permanece obediente à lógica da língua portuguesa, ou seja, fiel ao sistema fechado, enquanto a estrutura dos vocábulos sofre grande variação fenomênica, atendendo ao imperativo do uso conversacional específico do “chat”, operado via transformações ícono-tecno-lingüísticas de acordo com o sistema aberto da língua.

Portanto, constatamos, no uso dos signos do “chat”, um significante novo para um mesmo significado; trata-se de uma variabilidade escrita, ou seja, uma transformação mórfica ocorrida somente nos grafemas; pode ser uma espécie de gíria internáutica na forma escrita.

Qual o impacto dessas análises sobre o ensino da língua? Respondemos que, por tratar-se de uma variabilidade escrita repleta de irreverência à norma, isso pode conduzir o aluno a dificuldades ortográficas e de produção textual graves.

Por outro lado, considerando as análises do *corpus*, também verificamos que os estudantes usam os elementos paralingüísticos e os “emoticons” aliados aos caracteres da língua portuguesa, de forma descomprometida, como uma brincadeira, um jogo, forma esta característica do jovem. Por isso, acreditamos que o estudo dessa linguagem pode contribuir para o ensino da morfologia da língua portuguesa e ainda estabelecer reflexões sobre o uso da linguagem no contexto de Rede, com o fito de levar o aluno a um posicionamento crítico sobre o uso da palavra cifrada.

Assim sendo, o professor de língua portuguesa pode utilizar um material semelhante ao do *corpus* deste trabalho para análises morfossintáticas em aula ou mesmo para fazer uma descrição comparativa dos metaplasmos ocorridos na poesia e no “chat”, por exemplo, com base na Gramática Histórica.

Além disso, como o ser humano é dotado de aptidão para aprender e conhecer várias línguas, se, no caso do uso conversacional ora analisado, o aluno é advertido para a reflexão sobre o signo, a semiótica, a semântica, o contexto, os gêneros discursivos, a tipologia textual, as funções e os níveis da linguagem, além, é claro, dos temas léxico-gramaticais, acreditamos ser possível a ele transitar entre a irreverência do “chat” e o respeito à língua padrão, concomitantemente, já que ele fica consciente para fazer sua opção de uso da língua conforme os variados contextos sócio-histórico-culturais. E o papel do professor de português deverá sempre ser o de quem adverte e elucida sobre as inumeráveis questões da língua materna.

Finalmente, há ainda muitos problemas a se discutir sobre este tema, tais como: até que ponto a morfologia afeta a sintaxe dos termos, das orações e dos períodos na língua portuguesa? É possível compreender a mensagem de um texto apesar do uso da palavra cifrada? A criptografia é apanágio dos internautas? Qual a novidade que a criptografia virtual traz para a língua portuguesa? Etc, etc, etc...

BIBLIOGRAFIA

AZEREDO, José Carlos de. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

———. *Iniciação à sintaxe do português*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. **In:** *Estética da criação verbal*. 3ª ed. Trad. feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão; revisão da tradução por Maria Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. 8ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

HENRIQUES, Cláudio Cezar e SIMÕES, Darcília Marindir P. (orgs.). *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. 2ª ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

HENRIQUES, Cláudio Cezar. *Morfologia portuguesa em perspectiva sincrônica: teoria e prática*. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Mimeografado.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O hipertexto como um novo espaço de escrita na sala de aula*. **In:** AZEREDO, José Carlos de (org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística: a expressividade da língua portuguesa*. 3ª ed. rev. e aum. São Paulo: T. A. Queiroz: 2000.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, Tânia. Vc tem medo de ICQ?????. *Jornal do Brasil*, domingo, 09 nov. 2003.

MORAES, Lygia Correa Dias de. A sintaxe da língua falada. **In:** PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 5ª ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2001.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VALENTE, André. *A linguagem nossa de cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1997.